

# Reminiscências e observação no universo dos viajantes dos séculos XIV e XV

Susani Silveira Lemos França

Universidade Estadual de São Paulo (Franca, Brasil)

## Resumo

Quando refletimos sobre os relatos de viagem de peregrinação medievais que chegaram até nós, podemos notar que observação direta e reminiscências literárias surgem de tal forma articuladas ao ponto de não se fazerem distinguíveis, compondo juntas o arcabouço de valores que proporcionou que os medievais se percebessem e percebessem aqueles com quem aos poucos tomaram contato: os orientais. Num rápido inventário das descrições de povos e lugares que circundavam a Terra Santa, nota-se, à partida, que certa recorrência de imagens está ligada à sobreposição de doutrinas que circulavam desde a Antigüidade e que conduziam as impressões dos viajantes desejosos de encontrar, através da observação direta, matéria para surpreender seus conterrâneos curiosos com as gentes dos lados de lá; umas gentes que ofereciam parâmetros para que os europeus se valorizassem ou depreciassem e, por isso mesmo, poderiam servir como instrumentos para o empenho de moralização que caracterizou os escritos de então. No conjunto desses relatos, aquele de um viajante que talvez não tenha viajado, o *Viagens de Jean de Mandeville*, chama especial atenção, pois os tópicos e lugares comuns são de tal forma constitutivos desse relato que, melhor que nenhum outro, ele nos permite refletir – e este é o objetivo desta comunicação – sobre como as reminiscências literárias e iconográficas relativas às maravilhas orientais alimentaram a expectativa dos leitores ou ouvintes de então não por um realismo cruamente sincero, mas por descrições do Oriente recheadas de elementos fabulosos, exóticos e até mesmo com padrões morais invertidos em relação aos dos cristãos.

## Palavras-chave

Idade Média, relatos de viagem, relatos de peregrinação, *Viagens de Jean de Mandeville*, Oriente.

**E**mbora o tema deste congresso seja Utopia, não partirei deste conceito para pensar o universo dos viajantes medievais, porque minha apresentação está fundada na crença em que uma época diz tudo o que tem a dizer sobre si própria e o vocabulário que os homens de um tempo usam para se definir é muito mais do que um simples instrumento de comunicação, é antes constituinte do seu modo de ser e de estar no mundo. Portanto, quaisquer pontes conceituais que façamos com outras épocas podem, creio, dizer mais sobre as nossas ambições de similaridade e de unidade do humano do que sobre as especificidades de um tempo.

No que diz respeito aos relatos de viagem dos séculos XIV e XV, e o século XIII pode aqui também ser incluído, é possível notar, diferentemente dos relatos anteriores, o crescente interesse pela diversidade humana, porém, esse crescente interesse não se confunde com a projeção de um mundo melhor, como a que sustenta as utopias quinhentistas e posteriores, pois estamos ainda, nesse contexto, circunscritos a um campo de viagens que melhor se define como de exploração e não de descoberta. Viagens, em outras palavras, de reconhecimento de lugares e gentes que já tinham sido noticiados em fontes livrescas gregas, romanas e medievais, mas que, então, passam a ser conhecidos de própria vista, graças sobretudo à abertura da Ásia aos ocidentais no século XIII e à crescente curiosidade pelos mongóis, conjugadas a uma aspiração de que estes poderiam se aliar aos cristãos em um grande combate contra o Islã (cf. Gadrat, 2005, p. 16; Lacarra, 1999, p. 79).

Não se pode dizer, portanto, que a expectativa de um novo idealizado e projetado como modelo imaginário de uma sociedade futura, tenha sido o móbil das viagens medievais para a Terra Santa e partes do Oriente, mesmo que diversas passagens dos relatos de viagem possam sugerir a possível projeção de uma sociedade ideal ou perfeita, como, por exemplo: as descrições do reino do Preste João, apontado por Jean de Mandeville (2007, p. 230) como um lugar onde vivem “homens de boa fé e religião e leais uns aos outros, não existindo entre eles fraude ou corrupção”; ou as passagens de João de Piano Carpine (2005, p. 41) definindo os tártaros, no século XIII, como “mais obedientes aos seus senhores do que alguns homens que vivem no mundo, sejam religiosos ou seculares, mais os reverenciam e dificilmente mentem para eles” e, além disso, “raramente ou nunca têm choques verbais e jamais passam aos fatos”; ou, ainda, entre tantas outras passagens que poderiam ser arroladas, aquelas sobre o grande reino da China meridional (Mangi), apresentado pelo referido Mandeville (2007, p. 185) como “a melhor terra, a mais bonita e a mais deleitável e abundante em todo tipo de bem ao alcance do homem”, não só pela fecundidade do solo, mas porque ali não havia “pessoas carentes e pedintes”. Os habitantes eram “gentes bonitas, no entanto, muito pálidas”, e havia ali “muito mais mulheres bonitas que em qualquer outro país do ultramar”. Todas essas passagens, que, entre outras, estimularam os projetos de exploração para além dos séculos XIII e XIV<sup>1</sup>, inserem-se em um conjunto de referências que, menos do que movidas pela busca de uma sociedade supostamente perfeita alhures – já que os viajantes partem imbuídos do princípio de que a cristandade é superior a qualquer

<sup>1</sup> Segundo Duviols, fizeram-no até o século XVIII (1985, p. 33-41).

outro arranjo civilizacional –, estão movidas por um persistente empenho de moralização de fundo profundamente religioso, mas voltado ora para o exterior, ora para os próprios cristãos. No primeiro caso, era o afincamento para incluir os povos encontrados dentro dos padrões morais cristãos o que movia os viajantes; no segundo, era a insistência para alertar os seus iguais sobre os desvios do caminho das virtudes. Em um e outro caso, no entanto, o referencial são os padrões morais consolidados na cristandade ou a crença na sociedade cristã como a melhor. Referencial, pois, ainda muito preso à idéia de uma sociedade modelada pelos parâmetros da vida além da morte e, por isso mesmo, em que a moral religiosa se sobrepõe à imagem de uma sociedade politicamente bem organizada. Razão pela qual talvez se possa dizer que a insistência crítica de utopistas como Tomas More, Francis Bacon, Tomas Campanella, preocupados em denunciar a fraqueza das instituições e das diretrizes das nações europeias, só muito forçadamente poderia ser notada entre os viajantes cristãos medievais.

Não se pode negligenciar, entretanto, que, no contexto dos séculos XIII, XIV e XV, seja notável uma crescente curiosidade<sup>2</sup> por um “outro mundo” - o que poderia sugerir uma expectativa utópica -, uma curiosidade antes tida como uma tentação pecaminosa, mas que passa gradualmente a ser vista como uma espécie de virtude intelectual (cf. Howard, 1980, p. 106; Chareyron, 2004, p. 25). Mandeville chega mesmo a relacionar - numa passagem que ilustra bem o nível das crenças medievais - o gosto dos ocidentais pelo deslocamento com a configuração geográfico/astronômica a que estavam submetidos, pois, por estarem “no sétimo clima, [...] regido pela Lua, que tem um movimento rápido” e é conhecida como o “planeta de passagem”, tinham “condição e vontade” para se deslocarem e caminharem “por diferentes caminhos em busca de coisas estranhas e das diversidades do mundo, pois a Lua se move ao redor da Terra mais rapidamente que nenhum outro planeta” (2007, p. 157-158). Esse tal gosto pelo deslocamento parecia motivado, no período em questão, justamente pelo gosto por saber do tal “outro mundo”, como bem define Frei Guilherme de Rubruc (2005, p. 120 e 132) em meados do século XIII. Um outro mundo cuja fronteira inicial era tão deslocável quanto o reino mítico do Preste João: para uns, como o citado Rubruc, este outro mundo começava nas terras tártaras, onde, do mesmo modo, João de Pian del Carpine (XIII) se sentiu sem parâmetros de comparação, ao notar que o aspecto dos tártaros era “diferente do de todos os demais homens” (2005, p. 33); para outros, como Jordan Catala Sévérac (XIV), na Índia Menor (2005, p. 275 e 285); para outros, ainda, como Mandeville (XIV), o outro mundo não está demarcado como tal, mas as maravilhas encontradas na viagem parecem ter início quando o mundo que descreve se torna predominantemente insular<sup>3</sup>, isto é, nas terras da Índia, toda ela, na sua perspectiva, “dividida em ilhas” e onde havia “muitos povos diferentes” (2007, p. 229). Nessas mesmas imediações, Odorico Pordenone (XIV) sentiu que começava a “perder o rumo”, porque a terra lho tirara (2005, p. 303); e até mesmo Marco Polo, célebre viajante reconhecido por seu espírito pouco afeito às “maravilhas” que fascinavam seus contemporâneos e pouco dado a lançar juízos de valor, não se exime, no relato que Rusticello

<sup>2</sup> Friedrich Wolfzettel considera que os germes do espírito de curiosidade remontam à época das missões asiáticas dos séculos XIII e XIV (1996, p. 36).

<sup>3</sup> Claude Kappler destaca o gosto de Mandeville por descrever um mundo em que o continente é minimizado relativamente às ilhas, justamente por ser nelas que, para os medievais, o maravilhoso atuava mais livremente (1993, p. 36-39).

registra<sup>4</sup>, de lançar uma ou outra expressão que denuncia que era de um mundo pouco familiar que falava, não só o das terras dos tártaros, mas especialmente o das terras do golfo de Keinan, no mar da Índia, onde havia tanta gente que parecia “outro mundo” (cf. Polo, 1854, l. III, cap. V, p. 358). Este outro mundo, porém, não se configura pela noção de “novo”, antes se delinea a partir da referida noção de desvio dos parâmetros conhecidos. E mais, na construção da imagem do outro mundo, que aos poucos ganha corpo nas narrativas de viagem desses séculos, as reminiscências literárias e o desejo de confirmar conhecimentos multisseculares são fatores decisivos. Reminiscências que, é certo, ainda continuam a alimentar a perspectiva dos viajantes quinhentistas e posteriores nas terras mais distantes e algumas delas sequer supostas pelos sábios geógrafos clássicos, porém, a estranheza e a novidade, que já compunham as duas faces de uma mesma moeda entre os viajantes do final da Idade Média (Gradat, 2005, p. 11-12), passam a alimentar a imaginação sobre lugares mais afortunados.

O impacto da diversidade do “outro mundo” é, a propósito, proclamado em diversos textos. Para não falar do preâmbulo de Rusticello ao livro de Marco Polo ainda no século XIII – no qual destina o livro aos curiosos por “inteirar-se da diversidade de raças da humanidade, e de reinos, domínios e regiões de todas as partes do Oriente” – vale lembrar o do alemão Ludolph de Sudhein, do século XIV, que abre seu relato explicando que desejou escrever “para o prazer do leitor” aquilo que viu “nas cidades, castelos, lugares de oração”, e acrescenta, bem como aquilo que sabia “dos habitantes, seus costumes e as maravilhas que podem divisar aqueles que atravessam o mar” (1997, p. 1032). E mesmo que, ainda no século XV, sejam encontrados relatos, como o de Nompard de Caumont, em que a convenção religiosa se impõe sobre qualquer interesse étnico (cf. Caumont, 1858, p. 3-13), o mesmo tópico da descrição da variedade de “reinos, principados, condados e outras terras” mostra-se presente. Mas é Mandeville que, apesar de declarar a motivação religiosa da sua viagem, termina a narrativa ressaltando sua visita aos mais diversos lugares, que não pôde descrever em sua totalidade, porque, segundo ele, não viu todas as variedades e poderia, se as descrevesse, faltar com a tão almejada verdade e porque o relato se alargaria em demasia, caso tentasse (2007, p. 255).

Todas essas referências são de algum modo indicativas do novo sentido que tiveram as viagens e os registros das mesmas: informar novidades – não com a expectativa de que algo muito melhor haveria alhures – e ser útil aos futuros viajantes. Do século IV ao VII, o interesse por tais deslocamentos estava colado ao seu contributo para o aperfeiçoamento espiritual e o despojamento de interesses profanos (cf. Graboïs, 1998, p. 23-24; Sigal, 1974, p. 6) e, até o século XI, os alvos religiosos, como a veneração de relíquias, a tendência penitencial, o comprometimento missionário ou armado, se impõem, mas, a partir do século XIII, a abertura para o desconhecido inspira até mesmo os viajantes missionários. Frei João de Montecorvino é aquele que mais explicitamente vincula o visto nas terras do oriente a uma forma privilegiada de conhecer: o conhecer do que ainda não se sabe. Escreve ele aos seus irmãos franciscanos, Frei Bartolomeu de São Concórdio e Frei

<sup>4</sup> O livro de Polo, *Devisement du Monde*, ou *Livre des Merveilles*, ou *Il Milione*, foi escrito nos Cárceres de Gênova entre 1298 e 1299, tendo sido ditado na prisão ao erudito Rusticello.

Mentilo de Espoleto, que contaria “certas coisas”, porque sabia que tinham “grande zelo pela ciência” e queriam “ter sabedoria e conhecimento de todas as coisas” (2005, p. 253). A utilidade da sua narrativa estava, assim, em poder contribuir para a ampliação dos conhecimentos desses homens já sábios, segundo ele, mas que queriam saber mais, como convinha numa época em que se desenvolvia um tipo de realismo inspirado na idéia de que este mundo é o ponto de apoio necessário para aquele que quer se elevar ao reino de Deus – reino que se encontrava num plano superior<sup>5</sup>. Como esses viajantes, outros também se comprometem a descrever seu caminho por um território recheado de novidades, mas sem perder de vista seu comprometimento realista e pragmático – um realismo, entretanto, vale destacar, recheado de maravilhoso e de misticismo religioso, como era o medieval. Bertrandon de La Broquière (séc. XV) abre seu relato declarando que, “para incitar e atrair os corações dos nobres homens que desejam ver o mundo”, “assim que pôde recordar”, preparou um livro de suas memórias de viagem, e o fez pensando não apenas no rei ou príncipe cristão que quisesse empreender a conquista de Jerusalém, mas em qualquer nobre que quisesse realizar a viagem (1892, p. 1-2). Odorico Pordenone (2005, p. 283), por sua vez, saiu em viagem, segundo relata, com o alvo de “lucrar alguns frutos de almas”, porém, pelo caminho, ouviu e viu “muitas coisas grandes e maravilhosas” que não pôde deixar de narrar. E tantas coisas estranhas diz ter visto, que nem sequer teve coragem de narrar todas elas, porque, para alguns, considera ele, “pareceriam incríveis, se não as vissem com os próprios olhos” (p. 336).

Se, no entanto, de tantas estranhezas e maravilhas falam esses viajantes, nenhuma delas parece se enquadrar para eles dentro do que se pode chamar uma sociedade imaginária superior à sociedade cristã ou às nações cristãs. Por um lado, porque esta ou estas, a despeito de merecerem retoques, ainda eram exemplares, por outro lado, porque, quando tratamos da produção escrita medieval sobre as viagens – ou da produção escrita medieval em geral –, é vão e inoperante opor real e imaginário, herança e invenção, ou buscar demarcar os conhecimentos provenientes de reminiscências literárias, orais ou iconográficas de conhecimentos provenientes da observação direta<sup>6</sup>, pois esses conhecimentos compõem de forma indiferenciada o arcabouço dos valores que contribuíram para que os viajantes pensassem os povos encontrados e a si próprios a partir do que julgavam como regras ou desvios de uma sociedade que quiseram propor como modelo, a cristã. Como outros viajantes, portanto, Mandeville, que merece ser aqui destacado porque não viajou – o que poderia sugerir que as terras que descreve são imaginárias ou até utópicas –, não tentou conceber uma sociedade imaginária e, sim, escrever um relato de viagens a partir de textos tomados no seu tempo como confiáveis. Assim, construiu um relato sobre sociedades que, por mais maravilhosas que parecessem, acreditava possíveis e reais dentro de parâmetros de realidade em que o ouvido, o lido e o visto podiam ocupar igual peso.

<sup>5</sup> Étienne Gilson explica que o realismo medieval, ainda que herdeiro do aristotélico, se distancia dele por colocar em dúvida o idealismo platônico não em prol de uma ciência voltada para o reino do homem, mas por proporem que o reino de Deus não é deste mundo, apenas tem nele seu apoio (cf. 1989, especialmente p. 245).

<sup>6</sup> Maria Jesus Lacarra alerta para como “as categorias de verdadeiro, falso, realidade e ficção, literatura e história nunca se mostraram tão inoperantes como quando tentamos aplicá-las” aos livros de viagem (cf. 1999, p. 77).

## Referências

- BROQUIÈRE, B. de la. *Le Voyage de Oultremer*. Publié et annoté par Ch. Schefer. Paris. Ernert leroux Editeur, 1892.
- CARPINE, J. P. del. "História dos Mongóis". In: \_\_\_\_ et al. *Crônicas de Viagem. Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330)*. Trad. intr. e notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2005. (Coleção pensamento franciscano; v. 7)
- CAUMONT, N. de. *Voyaige d'oultremer en Jhérusalem... l'an 1418*. Paris: A. Aubry, 1858.
- CHAREYRON, N. *Globe-Trotters au Moyen Âge*. Paris: Imago, 2004.
- DUVIOLS, J.-P. *L'Amérique espagnole vue et rêvée. Les livres de voyages de Christophe Colomb à Bougainville*. Paris: Editions Promodis, 1985.
- FRANÇA, S. S. L. Introdução. In: *Viagens de Jean de Mandeville*. Bauru: EDUSC, 2007.
- GADRAT, C. *Une image de l'orient au XIVe siècle. Le Mirabilia descripta de Jordan Catala de Séverac*. Paris: École de Chartes, 2005.
- GILSON, É. *L'esprit de la philosophie medieval*. 2ª Ed. Paris: Librairie Philosophique J. Vrin, 1989.
- GRABOÏS, A. *Le pèlerin occidental en Terre sainte au Moyen Âge*. Paris, Bruxelles: De Boeck & Larcier S. A., 1998.
- HOWARD, H. R. *Writers & Pilgrims. Medieval Pilgrimage Narratives and their posterity*. Berkeley/Los angeles/London: University of California Press/A Quantum Book, 1980.
- KAPPLER, C. *Monstros, Demônios e Encantamentos no fim da Idade média*. Trad. Ivone Castilho Benedetti. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- LACARRA, M. J. "El Libro del Conosçimiento: um viaje alrededor de um mapa". In: *Libro del conosçimiento de todos los rrenos et tierras et señorios que son por el mundo, et de lās señales et armas que han*. Zaragoza: Institución "Fernando El Católico" (C.S.I.C.), 1999.
- MANDEVILLE, J. *As Viagens de Jean de Mandeville*. Trad. introd. e notas de Susani Silveira Lemos França. Bauru: Edusc, 2007.
- MONTECORVINO, J. de. "Cartas". In: CARPINE, J. P. del et al. *Crônicas de Viagem. Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330)*. Trad. intr. e notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2005. (Coleção pensamento franciscano; v. 7)
- POLO, M. *Travels of Marco Polo*. The translation of Marsden Revised, with a selection of his notes. Edited by Thomas Wright, Esq. M.A F.S.A. Etc. London: Henry G. Bohn, York Street, Convent Garden, 1854.

- PORDENONE, O. de. "Relatório". In: CARPINE, J. P. del et al. *Crônicas de Viagem. Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330)*. Trad. intr. e notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2005. (Coleção pensamento franciscano; v. 7)
- RUBRUC, G. de. "Itinerário". In: CARPINE, J. P. del et al. *Crônicas de Viagem. Franciscanos no extremo oriente antes de Marco Polo (1245-1330)*. Trad. intr. e notas de Ildefonso Silveira e Ary E. Pintarelli. Porto Alegre/Bragança Paulista: EDIPUCRS/EDUSF, 2005. (Coleção pensamento franciscano; v. 7)
- SÉVÉRAC, J. C. de. "Les *mirabilia descripta* de Jordan Catala de Sévérac". In: GADRAT, Christine. *Une Image de L'Orient au XIVe siècle*. Édition, trad. et commentaire. Paris: École des Chartes, 2005.
- SIGAL, P. A. *Les marcheurs de Dieu*. Paris: Armand Colin, 1974.
- SUDHEIN, L. de. *Le Chemin de la Terre sainte*. Trad. du latin, présenté et annoté par Christiane Deluz. In: RÉGNER-BOHLER, Danielle (Dir.). *Croisades et Pèlerinages. Récits, chroniques et voyages em Terre Sainte XIIIe-XVIe siècle*. Paris: Éditions Robert Laffont S.A., 1997.
- WOLFZETTEL, F. *Le discours du voyageur*. Paris: Presses Universitaires de France, 1996.

